

Ulysses: enigma para uma esfinge

SUELENE TELES
Da Editoria de Política

"Decifra-me ou te devo-ro". No decorrer dos séculos a figura mitológica da esfinge tem sido utilizada em diversas ocasiões. Agora, novamente aqui está ela refletida por essa personalidade curiosa chamada Ulysses Guimarães. São poucos os que como ele conseguem em um só gesto misturar ao mesmo tempo afabilidade e cruza com tanta maestria. Tudo em sua volta sugere mistério.

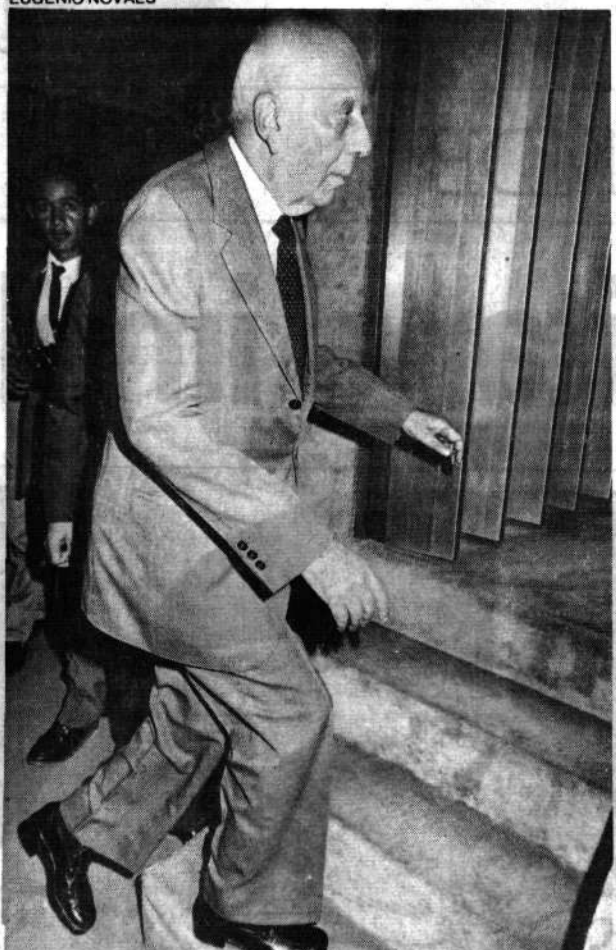
O que será, por exemplo, que faz perpetuar sua vitalidade? O que o faz de vez em quando se comportar com a euforia de um adolescente, mesmo aos 71 anos de idade? Serão só as cápsulas de lítio, ou uma alquimia ainda mais potente? Há os que sugerem que durante uma sessão da Constituinte ele troca a água pelo energizante caldo de cana. O mistério adensa-se ainda mais diante do fato de que ele permanece sentado à frente da Constituinte por mais de 10 horas seguidas, sem sequer se levantar de sua cadeira.

"Códigos! Códigos!", chama Ulysses pelos microfones do Congresso e, em reação pavloviana, os constituintes deixam todos seus afazeres para atender ao chamado do mestre. Sem seu pulso de ferro seguramente a Constituinte ainda se arrastaria por muito tempo. O seu fino humor é uma das armas que ele utiliza com frequência nos momentos mais intempestivos.

Um dos mais recentes exemplos dessa sua faceta aconteceu no plenário da Constituinte quando, ao interceder para resolver um impasse entre a esquerda e a direita, simplesmente falou: "Como dizia meu avô, isso para mim não fede nem cheira".

Em uma outra situação semelhante, Ulysses se dirigiu ao plenário, com um sorriso maroto nos lábios para dizer que ele não tinha o privilégio nem para pôr nem para tirar nada do texto constitucional. "O que eu não pus — disse ele — não posso tirar". Mas essa sua verve costuma chocar os que ainda são aprendizes de feiticeiro. O deputado Alceny Guerra (PFL-PR) ficou desconcertado quan-

EUGENIO NOVAES



O ministério de Ulysses poderia estar no litio?

do ouviu o presidente anunciar sua emenda paternidade, como uma homenagem a Constituinte prestava aos homens grávidos. O deputado chorou na tribuna e foi consolado paternalmente por Ulysses, que se desculpou.

A sua mais célebre tirada, no entanto, foi registrada quando ele, ao chamar a atenção dos parlamentares faltosos, fez uma comparação entre esses e os gregos contemporâneos de Platão. "Reconheço — disse — que os almoços e jantares fazem parte da tradição que herdamos dos gregos. Mas até Platão, no interregno de suas comemorações, trabalhava. E bem verdade que naquela época ainda não existia o fantasma da AIDS". Márcia Kubitschek também ficou corada ao ouvir Ulysses chamar sua atenção no plenário sugerindo que ela se sentasse para que pudesse proceder a votação.

Mas o velho timoneiro, como é mais conhecido,

também costuma mostrar o lado doce dessa personalidade desconcertante quando elogia em plenário o comportamento do deputado petista José Genoíno. A constante agitação do deputado em plenário contrasta com os modos mais reflexivos de Ulysses Guimarães e deve vir daí a admiração mútua. Fica a impressão de que na presença do presidente o petista pode tudo. Até mesmo interromper uma votação para fazer uma questão de ordem. E Ulysses permite.

E não é só impressão. Ao fazer um encaminhamento de votação, José Genoíno reclamou que o presidente estava favorecendo o outro lado, ao conceder um tempo maior para as justificativas. "Não é verdade, respondeu Ulysses. Vossa excelência sabe do apreço e da admiração que tenho por vossa excelência. Digo mais: sinto por vossa excelência um verdadeiro encantamento". Genoíno corou.

Covas amplia a sua liderança

TARCÍSIO HOLANDA
Repórter Especial

GIVALDO BARBOSA



O senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, assumiu finalmente o espaço que lhe estava destinado desde que foi escolhido para o cargo em votação consagrada, superando aquela fase em que se manteve insulado à frente de um pequeno e radicalizado grupo. Fiel a seu alinhamento ideológico, a posição social-democrata de centro-esquerda, Covas ampliou sua liderança na Constituinte, nas últimas votações.

Um número cada-vez maior de eminentes personalidades do PMDB aproveitou a oportunidade para argumentar junto a Covas que o seu destino continua umbelicalmente ligado à sobrevivência do PMDB. Caberia a ele, Covas, o espaço que estará reservado ao sucessor do deputado Ulysses Guimarães no comando do partido, papel de grande importância para o processo de transição em um país notoriamente empobrecido de quadros.

A votação do capítulo da Ordem Econômica revelou o novo tipo de liderança exercida por Mário Covas. Mas foi na votação do explosivo item sobre reforma agrária daquele capítulo, que o senador paulista revelou alto grau de amadurecimento a respeito do papel que deve desempenhar no espectro ideológico — e não apenas no Congresso-Constituinte.

Derrubada a proposta de reforma agrária do Centrão, flagrantemente restritiva, o natural seria que Covas e seus aliados e liderados votassem com o dispositivo a respeito da Comissão de Sistematização. O líder do PMDB levou seus companheiros a derrubar a reforma agrária da Comissão de Sistematização a fim de favorecer a negociação. Alguns eminentes figuras do PMDB que faziam restrição ao senador paulista começaram a reconhecer que nele se produziu uma formidável mutação que poderá mostrar sua capacidade de assumir seu verdadeiro papel.

Um senador que foi eleito com o maior contingente de votos da história (quase oito milhões) não poderá desperdiçar a rara oportunidade de ocu-

par o espaço que lhe cabe em universo político tão empobrecido, depois de mais de vinte anos de autoritarismo em que a atividade política foi banida por um conjunto de preconceitos. Sair do PMDB para a aventura de novo partido seria um ato impensado de Covas, conforme advertências que lhe têm sido feitas por respeitáveis figuras.

Uma dessas advertências ouviu pacientemente o senador numa conversa com o deputado Egídio Ferreira Lima. O parlamentar pernambucano sustentou que a herança de Ulysses Guimarães cairia em suas mãos até por gravidade, uma vez que não existe no PMDB nenhuma liderança com tanta consistência e densidade, capaz de assumir essa grande responsabilidade.

Sente à soleira da porta e aguarda que passe o cadáver de seu adversário — disse Egídio a Covas, citando velho adágio árabe. Esta é, também, a posição de alguns dos políticos mais importantes que se acham à direita e a esquerda de Ulysses Guimarães, convivendo de sua intimidade, como o ministro Renato Archer, o ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães, o ministro Luís Henrique da Silveira e os deputados Cid Carvalho e Genebaldo Correia.

Covas é considerado um grande quadro, segundo forças de direita e as diferentes correntes da esquerda, incluindo os comunistas ortodoxos. Por seu caráter firme, por sua tradição (ele foi um dos fundadores do MDB e do PMDB), o senador paulista credenciou-se ao respeito de seus pares.

Existente um consenso entre políticos e cientistas políticos de que o processo de modernização da sociedade democrática no Brasil reclama a ocupação de dois espaços-chave — de um lado, um partido de centro-esquerda que defenda os interesses da massa assalariada; de outro um partido mais à direita, ligado à burguesia industrial-urbana e aos interesses dos grandes proprietários de terra.

O PMDB poderá ou não cumprir o papel que está reservado ao primeiro partido, dependendo da clarividência de lideranças importantes, como as de Ulysses Guimarães e principalmente do sena-

dor Mário Covas. A sobrevivência do partido que teve papel tão importante na redemocratização do País depende da maturidade que suas lideranças revelarem para compreender o momento histórico que vivemos. Momento histórico que reclama líderes capazes de correr riscos, como o próprio Mário Covas revelou-se capaz de correr os seus.

O que muitos políticos e observadores se perguntam é se o PMDB ainda acumula capital suficiente para lutar pela sobrevivência. Ulysses Guimarães e seus companheiros de grupo, como os governadores Pedro Simon, Miguel Arraes e o próprio Waldir Pires, além do ministro Renato Archer e de deputados como o líder Ibsen Pinheiro, e Cid Carvalho e Genebaldo Correia, acham que sim.

O senador Mário Covas ainda está roído por muitas dúvidas a respeito da viabilidade do PMDB como partido social-democrata. Muitos dos seus amigos e aliados de grupo no partido exercem pressão para que ele abandone o PMDB e lidere o movimento para a organização de um novo partido. Até hoje, Covas não se comprometeu com esse movimento, embora tenha admitido a possibilidade de nele vir a se engajar, se os seus esforços para mudar o partido fracassarem.

Alguns dos amigos de Ulysses que se dedicam ao exame da conjuntura nacional admitem abertamente que o senador Mário Covas tem tudo para se transformar no candidato natural do partido a presidente da República, se revelar a visão nacional que n-ao costuma ser uma característica dos políticos paulistas (exceção para o veterano Ulysses, nesses últimos 40 anos).

Segundo uma opinião geral, Covas desperta entusiasmo nas bases do partido em um grau que o governador Orestes Quércia não consegue despertar, nem muito menos Ulysses, desgastado pela sua longa proximidade com o atual governo. Se houver uma prévia no PMDB, Covas tem tudo para sair vencedor como candidato a presidente da República.

Apesar da disputa por cargos na Executiva, a maioria das lideranças do PMDB gaúcho tenta manter a história harmoniosa do partido no Estado. Extremamente discreto, o governador Simon tem evitado qualquer ingerência aberta na discussão.

PMDB gaúcho vive clima de divisão

Porto Alegre — O racha nacional do PMDB não poupou nem mesmo a seção gaúcha do partido, tradicionalmente uma das mais unidas e que, durante quase duas décadas, manteve-se sob a orientação férrea do atual governador Pedro Simon. Cerca de 850 delegados com direito a voto chegaram à convenção estadual de hoje com uma chapa única para o Diretório Regional, formado por 71 pessoas, mas com três candidatas a presidente da Executiva. O atual presidente do PMDB gaúcho, deputado estadual, Cezar Schirmer, e os deputados federais Lélito Souza e Irajá Andara Rodrigues foram insensíveis a qualquer tentativa de acordo e se mantêm numa disputa que o também constituinte Hermes Zanetti, da esquerda peemedebista, considera "fisiológica", pois os três têm a mesma linha ideológica.

Schirmer, o mais próximo de Pedro Simon — é o líder do governo na Assembleia Legislativa — é o que tem mais chances, pois a maioria dos delegados ainda se mantém fiel ao governador. Lélito Souza, atual vice-presidente da executiva, alega que chegou a sua vez, pois na eleição passada desistiu de concorrer em benefício de Cezar Schirmer. Estreante na disputa, Irajá vem procurando atrair os votos da esquerda do PMDB, embora sua trajetória política não o identifique com essa tendência.

Apesar da disputa por cargos na Executiva, a maioria das lideranças do PMDB gaúcho tenta manter a história harmoniosa do partido no Estado. Extremamente discreto, o governador Simon tem evitado qualquer ingerência aberta na discussão.



Hermes Zanetti

Passarinho assina a emenda da conciliação

O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho (PA), defendeu ontem a necessidade de um acordo em torno da reforma agrária, evitando-se o radicalismo. Sé, porém, o confronto por desapropriação das terras produtivas.

Passarinho, que ontem assinou emenda conciliatória redigida pelo senador Mário Covas (SP), líder do PMDB na Constituinte, acha que não existiria hoje o problema agrário se tivesse sido aplicado o Estatuto da Terra do ex-presidente Castello Branco, um verdadeiro estadista.

HARMONIA

A discussão sobre a reforma agrária está, a seu ver, sendo feita de maneira equivocada. Alguns colocam como fundamento inicial o respeito ao direito de propriedade, que não pode ser absoluto e tem de ser influenciado pelo interesse público-social. Não há qualquer justificativa para que 10% dos proprietários mantenham 90% das terras privadas e sem utilizá-las em sua grande maioria.

Não há, porém, como deixar que terras produtivas, em plena atividade, sejam tomadas de quem está trabalhando e aumentando a riqueza do País. Ele tem muito receio da proposta em torno da qual se trava o debate porque os termos são muito vagos e permitem abusos de várias naturezas. Os quatro requisitos — exploração racional, respeito à legislação trabalhista, defesa ecológica e bem-estar social de proprietários e trabalhadores — têm de ser melhor definidos.

Não será possível deixar que, a critério de julgamentos apressados, uma propriedade seja desapropriada porque um pequeno riacho está ameaçado de poluição, porque trabalhadores eventuais não estão com a Carteira Profissional assinada ou porque as casas dos lavradores não se compararam com a do proprietário. Dirão que é a repetição da Casa Grande e Senzala.

O PDS, que está representado nas negociações em torno da reforma agrária pelo deputado Delfim Netto (SP), quer uma solu-

ção conciliatória. Não tem medo de fazer acordo com setores de esquerda, como não tem porque recusa entendimentos com os proprietários. O que procura — e foi por isso que Delfim Netto avançou em certas posições — é uma filosofia agrária de acordo com o Estatuto da Terra, cuja aplicação é uma exigência da sociedade. Infelizmente não houve essa compreensão e o Estatuto da Terra está engavetado tem quase 20 anos.

Não havendo acordo, pelo qual se esforçará junto a líderes de todas as correntes, Passarinho se firmará contra a desapropriação da terra produtiva. Ele não admite que, a pretexto de promover a reforma agrária, sejam incentivadas invasões que só farão aumentar a violência no campo.

A esperança do presidente do PDS é que o espírito de conciliação domine a todos e se consiga um acordo que impeça a exploração dos agricultores, mas recompense, também, o esforço e o capital dos proprietários.

CNBB pede a distribuição

"Pedimos aos cristãos que acompanhem os trabalhos constituintes e intensifiquem suas preces neste momento grave da vida nacional, rogando a Deus luzes para que se realize a tão desejada reforma agrária e se faça justiça aos pobres". Este é o apelo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que divulgou, sexta-feira, nota à imprensa sobre a votação, na Constituinte, do Título da Ordem Econômica.

Diz ainda a nota que "todos percebemos a importância que tem a questão da reforma agrária para a concórdia e o bem comum. Em sucessivas mensagens, bispos, pastores da Igreja Católica e das igrejas evangélicas têm solicitado medidas para distribuir mais equitativamente a terra e para implantar uma adequada política agrícola, eliminando a pobreza que grassa no campo".